

VIDA E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES DE NOSSA SENHORA

TALITA GOULART ARRIVABENE *

Foto: Maria Cristina Correia Leandro Pereira

Considerável parte do nosso acervo de palavras relativas à idéia de representação remete à questão da morte. A começar por imagem (do latim *imago*: molde em cera feito a partir do contato direto com o rosto dos mortos), passando por ídolo (*eidolon*: fantasma dos mortos, espectro; posteriormente entendido como imagem e retrato) e signo (*séma*: pedra tumular) e chegando à própria *representação*, que em linguagem litúrgica designava tanto um caixão vazio sobre o qual se estendia uma mortalha para cerimônias fúnebres como a figura moldada e pintada que representava o defunto na Idade Média¹.

A morte foi um dos grandes temas fomentadores do que hoje chamamos de arte, compondo um acervo de inúmeras representações desde a época das cavernas. Como ideia, esteve presente nas mentalidades de quaisquer épocas da história, com significados e consequências diversos.

Durante muito tempo, incluindo a Idade Média e até mesmo a França positivista e racionalista do século XIX, o fim da vida era tido como algo para o qual se devia estar sempre preparado, a fim de se garantir uma boa morte. Nos séculos XV e XVI, tornou-se comum o uso das *ars moriendi*: xilogravuras difundidas pelos clérigos com o intuito de instruir a população para uma boa morte. Em geral, eram representados os momentos finais do moribundo, cuja alma, disputada pelas hierarquias do céu e do inferno, tinha seu juízo final voltado para a alegria eterna, no caso do arrependimento ou, em caso contrário, para o infundável tormento².

Os rituais preparatórios para a morte mudaram de acordo com as épocas e locais, mas em geral constavam não só de funções religiosas, presididas por um padre (como a extrema unção, a penitência e a eucaristia) como também de atos individuais e comunitários do próprio moribundo. Era comum a presença de familiares e amigos (inclusive crianças) que acompanhavam os últimos momentos de seu ente querido ou conhecido, o qual costumava arrepender-se e pedir perdão de suas faltas, garantindo sua salvação futura³.

O luto era obrigatório e a morte era, portanto, algo previsto e normal, sem grandes dramatizações. Somente a partir do séc. XIX começou a haver um crescente silêncio sobre o assunto, o que não denota que por ele houvesse uma indiferença ou um menor interesse. Hoje em dia, permanece a consciência de que inevitavelmente morreremos, mas trata-se de uma consciência um tanto quanto mascarada. Parte do problema parece descentralizar-se da questão da morte e voltar-se para o processo que leva a ela. Os indivíduos continuam observadores de si mesmos, não no intuito de se preparar para uma boa morte, mas sim de evitá-la ao máximo ou mascarar o processo natural que prenuncia sua chegada.

Em uma sociedade cuja felicidade e o bem-estar são as grandes metas, qual é o espaço para a dor da perda de um ente querido ou para angústia do enfrentamento da doença ou da velhice que levarão a perdê-lo? Uma das formas de tomar esse processo menos doloroso e incerto, à qual iremos nos ater, provém dos preceitos da fé católica relativos a uma boa morte, obtida pelos fiéis junto à mediadora por excelência, a Virgem, através de sua invocação de Nossa Senhora da Boa Morte.



Figura 1: Pernas e pés de Nossa Senhora da Boa Morte

* Mestre em Artes – UFES
talita_garrivabene@yahoo.com.br

¹ DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 23-24 e ARIËS, Philippe. História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977. p. 84.

² ARIËS, 1977. p. 17-33.

³ Ibid, p. 46.

Foto: Maria Cristina Correia Leandro Pereira



Figura 2: Pernas e pés de Nossa Senhora da Assunção

⁴ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 657.

⁵ SANT'ANNA, Sabrina Mara. *A dormição da Virgem: representações e cotidiano nas minas setecentistas*. I Simpósio Internacional sobre Representações Cristãs. 8 a 10 de Dezembro de 2004. Centro de Artes - Universidade Federal do Espírito Santo.

⁶ Por exemplo, a catedral de Senlis e a catedral de Notre-Dame. Ver: TREVISAN, Arlindo. *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*. Porto Alegre: AGE, 2003. p. 147-148.

⁷ Disponível em: <http://www.geocities.com/Heartland/Bluffs/6737/BoaMorte/BoaMorte.htm>. Acesso em: 13/07/2007.

⁸ No compromisso da irmandade consta que "sua primeira fundação é da era de 1679". Compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Amparo feito pelos irmãos da mesma irmandade na Vila da Vitória da capitania do Espírito Santo - 1816. In: BONICENHA, Wallace. *Devoção e caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória - ES*. Vitória: Multiplicidade, 2004, p. 173.

⁹ ELTON, Elmo. *Velhos templos de Vitória e outros temas capixabas*. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987, p. 59.

¹⁰ Essa irmandade existia "em sociedade de igual parte com a Irmandade da Boa Morte e Assunção, como consta da Escritura e termos que se fizeram". In: BONICENHA, 2004, p. 168.

¹¹ Projecto da reforma do compromisso da Venerável Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção erecta em sua capella de São Gonçalo - 1868 - Província do Espírito Santo. In: *Estatutos da Irmandade de Vitória - 1863*. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória. p. 44.

¹² BONICENHA, 2004, p. 168-176.

¹³ *Ibid.*, p. 171 e 174.

¹⁴ *Op. cit.*, nota 11.

¹⁵ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do séc. XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 50.

¹⁶ *Estatutos da Irmandade de Vitória - 1863*. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória.

Não existe nas Sagradas Escrituras relato sobre a morte de Maria. Através de um livro apócrifo de São João Evangelista, foi difundida a história relativa ao fim de sua vida, que teria acontecido entre 42 e 49 d.C., época em que a Virgem teria entre 60 e 70 anos. Há versões que contam que seu corpo teria sido colocado num sepulcro, encontrado posteriormente vazio. Ou seja, primeiro a alma de Maria teria sido levada aos céus e, alguns dias depois, seu corpo⁴. A ideia do adormecimento de Maria remonta ao século VI, quando a festa com este tema começou a ser celebrada em Jerusalém, estendendo-se a toda igreja bizantina no século posterior, sob o nome de "Dormição da Mãe de Deus".

Representações de Nossa Senhora deitada com os olhos fechados e as mãos postas, em leito ou esquife, foram difundidas desde a Idade Média para inspirar nos fiéis contrição e uma espera tranquila pela boa morte⁵. No século XII, havia na França catedrais com este tema no corolário da porta de entrada⁶. Em Portugal, na localidade chamada Lombo do Atouquia, existia uma capela da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, fundada por Francisco Homem de Couto, no ano de 1661⁷. No Brasil, as primeiras irmandades em devoção a Nossa Senhora da Boa Morte foram constituídas no século XVIII, por influência dos portugueses.

No Espírito Santo, foi criada a irmandade do Amparo e Boa Morte em 1707⁸ na Vila da Vitória, sediada posteriormente na igreja de São Gonçalo, cuja data de construção é desconhecida. Conforme documento de 1715, citado por Elmo Elton, é pedida permissão para construção da capela de São Gonçalo Garcia no mesmo local em que antes se encontrava a capela de Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte. Entretanto, a consagração da capela a este santo ocorreu somente em 2 de novembro de 1766⁹. Divergências entre os pardos livres (devotos de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção) e os cativos (devotos de Nossa Senhora do Amparo) levaram à extinção da irmandade desta última invocação. Isso teria acontecido entre 1816 (data do primeiro compromisso de que se tem registro, da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo¹⁰) e 1858 (data em que a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção recebeu o título de Confraria¹¹, estando já extinta a do Amparo).

Desde o primeiro compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, foi enfatizada a preocupação com a passagem desta vida para a eternidade, tranquilizada pela certeza do "Amparo de Maria Santíssima como meio mais seguro e poderoso que a Providência Divina tem oferecido para assegurar a eterna felicidade dos homens"¹². Maria é a grande intercessora a quem os fiéis recorrem nas horas mais difíceis, inclusive na hora da morte: nesse momento, Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte se confundem numa só invocação. Entre as funções desempenhadas pelo padre capelão (irmão que compunha a diretoria da Irmandade), estavam as de visitar os irmãos enfermos, de acompanhar os irmãos defuntos e rezar por eles uma missa todos os domingos do ano¹³. Este era o mais importante objetivo da Irmandade, constando de impreterível obrigação.

No compromisso da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção de 1868 é novamente enfatizada a importância de acompanhar os irmãos falecidos até o cemitério, sepultá-los dignamente e sufragar sua alma com missas, mesmo se tal irmão houvesse falecido em dívida com a Confraria. Nesse caso, por caridade, os mesmos procedimentos deveriam ser mantidos e os próprios irmãos se organizavam para arcar com as despesas¹⁴. Vale ressaltar que a assistência aos irmãos enfermos e a organização de funerais eram objetivos comuns da maioria das irmandades existentes no Brasil entre os séculos XVIII e XIX¹⁵. Em Vitória, os compromissos das Irmandades de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Remédios, redigidos em meados do século XIX, ressaltam essas mesmas preocupações¹⁶. Percebemos que a importância da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte não se concentrava nessa questão. De fato, as irmandades se destacavam através de seus santos de devoção e de suas festividades, para as quais dedicavam enormes esforços, frequentemente tentando superar umas as

outras em pompa e número de participantes.

O pároco José Ayrola Barcelos, que no final do século XX supervisionava e organizava os festejos de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, afirmou em 1980 que a função primordial da Arquiconfraria ainda era "preparar os irmãos aqui da terra para uma vida futura"¹⁷. Entretanto, no novo compromisso da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, publicado no Diário Oficial em 14 de Janeiro de 1987, este objetivo não é sequer citado¹⁸. Apesar de as festividades serem ainda encerradas com missa em sufrágio dos irmãos falecidos, segundo a atual provedora da Arquiconfraria, Vera Benezath, não existe mais o costume de se reunir no caso de falecimento de algum irmão, somente quando se trata de alguém muito próximo¹⁹. Esse novo posicionamento em relação à morte é sinal de mudança na religiosidade, mas também da aceleração do tempo em que vivemos, onde não há mais lugar para interrupções, nem mesmo quando se perde um ente querido.

Ainda assim, o momento em que a intercessão da Virgem é coletivamente requisitada em intenção dos mortos é a *procissão do enterro* – nome dado a partir da cultura popular, usado comumente até hoje – que ocorre anualmente em Agosto desde 1897²⁰, conduzindo a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte à noite pelas ruas do Centro de Vitória, iluminada por velas e acompanhada atualmente por uma quantidade pequena de fiéis, em geral componentes da Arquiconfraria.

Não se sabe de quando é datada essa imagem. É bem provável que seja de mesmo período e procedência que a imagem de Nossa Senhora da Assunção, localizada hoje na sacristia da igreja, pois ambas têm os pés e a parte inferior das pernas iguais e têm exatamente a mesma altura (Fig. 1 e 2).

Quando da consagração da capela a São Gonçalo Garcia, em 1766, a disposição das imagens no altar-mor seria: Nossa Senhora da Assunção (centro), São Gonçalo Garcia (abaixo), Nossa Senhora do Amparo à direita (Evangelho) e Nossa Senhora do Rosário à esquerda (Epístola)²¹. A imagem de Nossa Senhora da Boa Morte não é citada, talvez ainda não fizesse parte do acervo iconográfico da igreja ou não estivesse presente no altar-mor. Somente em um relato do início do século XIX, do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, a imagem é diretamente citada:

Tomaram a importunar-me os mulatos carolas da confraria do Amparo contra os da Boa Morte, ambas acantonadas na capela de São Gonçalo, sobre a questão do lugar da esquerda ou da direita que deviam ocupar no altar as suas duas imagens respectivas²².

Não só a imagem estava presente como era motivo de discussão em relação ao lugar que ocuparia: o lado do Evangelho tem valor maior, uma vez que essa leitura, feita exclusivamente pelo sacerdote desde o século IV²³, é mais importante liturgicamente do que a Epístola, que o precede nas liturgias, como uma forma de preparação.

Após silêncio de cerca de um século, uma portaria episcopal de 1915 fala de uma possível troca de imagens como condição para ser liberada provisão de licença para as festividades daquele ano. Entre as cláusulas determinadas estava:

(...) que, dentro do mez de agosto do corrente anno, nos seja feita a entrega da actual imagem de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção existente na mencionada Igreja de São Gonçalo, e substituída por outra Imagem litúrgica²⁴.



Figura 3: Altar-mor Igreja de São Gonçalo (2007)

¹⁷ EFFGEN, Dídimo Benedito. Imandade de Nossa Senhora da Boa Morte: tão antiga quanto a escravatura. Reportagem de 15 de agosto de 1980. Vitória - ES.

¹⁸ Estatuto da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção – 1986. Arquivo da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES.

¹⁹ FERRAZ, Vera Maria Benezath Rodrigues. Entrevista realizada em 23 de maio de 2007 na Igreja de São Gonçalo. Entrevistadora: Talita Goulart Arrivabene.



Figura 4: Nossa Senhora da Boa Morte antes da restauração (1992)

²⁰ Apesar de ter sido definida desde o compromisso de 1868, a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte tem seu primeiro registro em 1897. Livro de provisões nº 1 – 1897-1909. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória, p. 7.

²¹ ELTON, 1987, p. 59.

²² COUTINHO apud BONICENHA, 2004, p. 140.

²³ RÖWER, Basilio. Dicionário litúrgico. Rio de Janeiro: VOZES, 1936, p. 108-109.

²⁴ Livro de portarias e ordens episcopais nº II – 1913-1918. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória, p. 85-86.

²⁵ Livro de portarias e ordens episcopais nº II – 1913-1918. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória.

²⁶ De fato, existe um equívoco em relação à invocação deste santo: há elementos que o identificam como São Gonçalo Garcia, mas o costume do povo explicita elementos próprios de São Gonçalo do Amarante. Para maiores referências, ver: PEREIRA, Maria Cristina Correa Leandro e FERREIRA, Raquel Diniz. Um caso de homonímia sacra: o orago da igreja de São Gonçalo (Vitória - ES). Farol Revista de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design - n.7. Vitória: UFES, dezembro de 2006, p. 68-77.

²⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006. p. 137.

²⁸ MENDES FILHO, Alvarito. São Gonçalo está restaurada. A Gazeta, Vitória, 31 de outubro de 1993.

²⁹ Grupo Oficina de Restauo – Belo Horizonte. Atualização de orçamento: altar-mor e imaginária da igreja de São Gonçalo, 24 de Junho de 1991. Arquivo do IPHAN.

³⁰ Disse Jesus: "Tomem e comam, isto é o meu corpo". (Mateus 26, 26).

³¹ ARIÉS, 1977, p. 82-90.

³² SANT'ANNA, 2004.

As imagens de Nossa Senhora da Boa Morte e de Nossa Senhora da Assunção são tratadas nesse documento como se fossem uma só, portanto, não sabemos se alguma das duas chegou a ser de fato trocada nem exatamente a qual delas a cláusula transcrita se referia. Talvez à imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, pois as cláusulas diziam respeito especialmente à procissão do dia 14 e foram aceitas pela comissão encarregada de pedir licença para a mesma²⁵. Poderia se tratar de uma imagem articulada que servia para os dois fins e que hoje estaria perdida. Entretanto, essa hipótese parece improvável: tal imagem nunca foi mencionada na bibliografia e já existiam imagens diferentes para essas duas invocações de Nossa Senhora.

A imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, presente na igreja, mede 145x35x40cm, é de roca, com cabeça, braços e pernas talhados e tronco formado por ripas de madeira. Seus braços são articulados nos ombros, cotovelos e punhos e posicionados em atitude de oração, com as mãos unidas sobre o tronco. Localiza-se num esquite, no centro do altar-mor da igreja de São Gonçalo, ladeada pelas imagens dos Santos Inácio de Loyola e Francisco Xavier. Acima, há a imagem de São Gonçalo Garcia²⁶ e no coroamento do retábulo, uma pequena imagem de vulto de Nossa Senhora da Assunção (Fig. 3).

Concentremo-nos na imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que a representa no breve instante em que adormeceu. Quantos olhares já foram lançados a ela ao longo de cerca de três séculos de devoção, quantas súplicas ela já recebeu de entes queridos e amigos ansiando pelo conforto de algum familiar doente e quantas angústias vertidas pela saudade de um ser amado que se foi. A imagem de Nossa Senhora da Boa Morte é essa constelação de olhares, súplicas e lágrimas, acumulados durante todo esse tempo e que não cessam de ter continuidade. A história que constitui seu passado é um fato de memória sempre em movimento, tanto material quanto mental²⁷: não só a imagem física sofreu alterações ao longo do tempo – através de processos de restauo, desgastes naturais, mudança nas vestes, cabelos... – como também a imagem mental – através da forma como foi percebida pelos fiéis desde que começou a fazer parte do acervo iconográfico da igreja. São os movimentos que recordam o passado dessa imagem que a reconstroem na atualidade. Ela foi restaurada entre 1992 e 1993, através do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IPHAN)²⁸. Antes da restauração, ela se encontrava com folgas nos encaixes (inclusive com o braço direito solto), substituições inadequadas, carnação em descolamento com algumas perdas e os sapatos e meias repintados²⁹ (Fig. 4).

Sua imagem hoje permanece no altar-mor, atrás do sacrário (Fig.5). A representação simbólica do corpo de Nossa Senhora – uma vez que este não está mais na terra – repousa próximo ao corpo verdadeiro de Cristo – uma vez que este permanece na terra através da eucaristia, conforme predizem as escrituras³⁰. Corpo simbólico e corpo real se apresentam no altar, antecipando o dogma católico segundo o qual a Virgem e o Cristo se unem no céu por e para toda a eternidade.

A decomposição do corpo após a morte é símbolo da decadência humana. Este foi um tema recorrente nas representações dos séculos XIV e XV, como sinal da fragilidade das ambições e ligações terrenas do homem³¹. A Virgem Maria nunca poderia ter seu corpo deteriorado, uma vez que sua maior ambição era estar ao lado de Deus³² e que, segundo o dogma bíblico, não tinha pecados. É justamente o pecado que leva o homem à morte. Não tendo morrido, Maria seria uma redentora para o pecado inicial cometido por Eva no paraíso. Tendo vivido sempre de acordo com os ensinamentos de Deus, só lhe resta aguardar placidamente a chegada de seus guias celestiais. Sua aparência não é de um ser desprovido de vida: ao contrário da descrição de Elmo Elton (feita antes dos processos de restauo) de uma imagem de olhos arroxeados e lábios descorados³³, podemos observar nessa representação a Virgem de lábios ainda corados e cabelos naturais penteados sob um suntuoso manto azul (Fig. 6).

De olhos quase completamente fechados, no lapso de instante que antecede o

adormecer, essa imagem nos olha. Espectador e representação não são passivos quando existe um confronto entre quem olha e o que é olhado. A imagem desencadeia sensações, pensamentos, respostas no espectador e este atua como elemento transformador de seu sentido ao longo do tempo, de acordo com as significações que constrói a partir dela³⁴. Essa representação de Nossa Senhora da Boa Morte volta para nós o olhar inquietante e, ao mesmo tempo, sereno da espera, na contradição dialética que engendra toda imagem. Enquanto representa o breve instante de adormecimento da Virgem, essa imagem também o eterniza, pois seu tempo de existência nos antecede e certamente nos sucederá. Ela constitui o intervalo feito visível da fratura entre céu e terra, entre o devir em constante mudança e o êxtase pleno do que permanece. Estará sempre presente, enquanto a lembrança de seus fiéis a humanizar e a configurar no tempo. Carrega a memória de inúmeras mortes, não só das preces que recebeu, diretamente dos fiéis que frequentavam a igreja de São Gonçalo, mas, quem sabe, das preces lançadas a essa invocação da Virgem em todo o mundo. Afinal, quando os fiéis se dirigem à determinada representação, dirigem-se de fato ao que ela representa³⁵.

Todo ano é celebrada a passagem da Virgem para a eternidade na procissão da Boa Morte e, no dia seguinte a esta, comemora-se sua Assunção. Não mais deitada em seu esquite, mas de pé e gloriosa, Maria exorta os fiéis a viver e a morrer na fé.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BONICENHA, Wallace. Devoção e caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória, ES. Vitória: Multiplicidade, 2004.
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.
- _____. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- EFFGEN, Dídimo Benedito. Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: tão antiga quanto a escravatura. Reportagem de 15 de Agosto de 1980. Vitória-ES.
- ELTON, Elmo. Velhos templos de Vitória e outros temas capixabas. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987.
- FREEDBERG, David. El poder de las imágenes: estudios sobre la historia y la teoría de la respuesta. Madrid: Cátedra, 1989.
- MENDES FILHO, Alvarito. São Gonçalo está restaurada. A Gazeta, Vitória, 31 de outubro de 1993.
- PEREIRA, Maria Cristina Correa Leandro e FERREIRA, Raquel Diniz. Um caso de homonímia sacra: o orago da igreja de São Gonçalo (Vitória - ES). Farol Revista de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design - n.7. Vitória: UFES, dezembro de 2006. p. 68-77.
- REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do séc. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RÖWER, Basilio. Dicionário litúrgico. Rio de Janeiro: Vozes, 1936.
- SANT'ANNA, Sabrina Mara. A dormição da Virgem: representações e cotidiano nas minas setecentistas. I Simpósio Internacional sobre Representações Cristãs. 8 a 10 de Dezembro de 2004. Centro de Artes - Universidade Federal do Espírito Santo.
- TREVISAN, Arlindo. O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: AGE, 2003
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. Guia para normalização de referências: NBR 6023/2002. Vitória, 2005.



Figura 5: Nossa Senhora da Boa Morte no altar-mor



Figura 6: Nossa Senhora da Boa Morte – detalhe (2007)

³³ ELTON, 1987, p. 61.

³⁴ FREEDBERG, David. El poder de las imágenes: estudios sobre la historia y la teoría de la respuesta. Madrid: Cátedra, 1989 e DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Ed. 34, 1998.

³⁵ A imagem funciona como mediação entre o fiel e a divindade, de acordo com o entendimento da Igreja expresso em relação a essa questão desde Gregório Magno, no século VI.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
Artigos em meios eletrônicos
Nossa Senhora da Boa Morte.
Disponível em: <http://www.geocities.com/Heartland/Bluffs/6737/BoaMorte/BoaMorte.htm>. Acesso em: 13/07/2007.

Documentação manuscrita

Estatutos da Irmandade de Vitória – 1863. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória.
Estatuto da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção – 1986. Arquivo da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES.
Grupo Oficina de Restauro – Belo Horizonte. Atualização de orçamento: altar-mor e imaginária da igreja de São Gonçalo, 24 de junho de 1991. Arquivo do IPHAN.
Livro de portarias e ordens episcopais nº II – 1913-1918. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória.
Livro de provisões nº 1 – 1897-1909. Centro de Documentação da Mitra Arquidiocesana de Vitória.

Entrevistas

FERRAZ, Vera Maria Benezath Rodrigues. Entrevista realizada em 23 de maio de 2007 na Igreja de São Gonçalo. Entrevistadora: Talita Goulart Arrivabene.

²⁹ Grupo Oficina de Restauro – Belo Horizonte. Atualização de orçamento: altar-mor e imaginária da igreja de São Gonçalo, 24 de Junho de 1991. Arquivo do IPHAN.

³⁰ Disse Jesus: "Tomem e comam, isto é o meu corpo". (Mateus 26, 26).

³¹ ARIÉS, 1977, p. 82-90.

³² SANT'ANNA, 2004.

³³ ELTON, 1987, p. 61.

³⁴ FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes: estudios sobre la historia y la teoría de la respuesta*. Madrid: Cátedra, 1989 e DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

³⁵ A imagem funciona como mediação entre o fiel e a divindade, de acordo com o entendimento da Igreja expresso em relação a essa questão desde Gregório Magno, no séc. VI.